

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS DO PONTAL
CURSO DE GRADUAÇÃO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Nomes populares de insetos comumente citados pelos usuários das redes sociais

Carolina Raimundo Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Cordenação do Curso de Ciências Biológicas da
Universidade Federal de Uberlândia, como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Ciências Biológicas.

Ituiutaba/MG

Abril de 2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS DO PONTAL
CURSO DE GRADUAÇÃO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Nomes populares de insetos comumente citados pelos usuários das redes sociais

Carolina Raimundo Ferreira

Vanessa Suzuki Kataguirí Pereira
Orientadora

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Cordenação do Curso de Ciências Biológicas da
Universidade Federal de Uberlândia, como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências
Biológicas.

Ituiutaba/MG
Abril de 2025

DEDICATÓRIA

Para aqueles que me apoiaram em todos os momentos, durante essa caminhada!
Principalmente a meus pais Cristiane e Marco e meus irmãos Gabriel e Gabriela.

AGRADECIMENTOS

Finalizar este trabalho marca o final da minha jornada como discente do curso de Ciências Biológicas. Por isso, agradeço a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para o meu crescimento, amadurecimento e também pelos cuidados, incentivos e companheirismo ao longo dessa caminhada.

Em especial, agradeço aos meus pais, Cristiane e Marco, que me apoiaram nas minhas decisões, me aconselharam e me auxiliaram, me incentivando a estudar e ir atrás dos meus objetivos, me mostrando que era possível, fazendo assim com que eu conseguisse chegar até essa etapa da minha vida e também com que eu passe por ela da melhor forma possível. Aos meus irmãos, Gabriel e Gabriela, meus avós, Victar, Regina e Vicente; e à minha tia Daniela, pelo apoio, incentivo, por estarem sempre presentes para o que fosse preciso e a todos os familiares que me apoiaram.

Aos meus amigos que me acompanharam e me ajudaram a me adaptar a uma nova cidade, por me distraírem nos momentos difíceis, pelo companheirismo e apoio, tornando assim essa jornada mais leve.

E aos meus professores durante toda a graduação, agradeço o cuidado, orientação, conhecimento e incentivo. Onde cada um contribuiu de forma única ao mostrar os diversos caminhos possíveis das Ciências Biológicas. Obrigada pela paciência, orientação e ensinamentos. À professora Juliana, pela oportunidade de atuar no estágio voluntário, pelas orientações e incentivos; ao professor Lucas e a professora Katia juntamente com o Coletivo Goiabal Vivo, que ampliaram minha visão de mundo com experiências e conhecimentos diversos.

E, em especial, à minha orientadora Vanessa Suzuki Kataguiiri Pereira, por me apresentar este tema do trabalho, pela paciência, incentivo e orientação cuidadosa ao longo de todo processo, sempre orientando da melhor maneira. Seus ensinamentos despertaram ainda mais meu interesse pela entomologia, aumentando assim minha paixão. E também pelos conselhos e incentivos passados durante toda a graduação que contribuíram imensamente para minha formação acadêmica e pessoal.

“A educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo. ”

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. Objetivos.....	12
3. Material e Método.....	12
4. Resultados e Discussão.....	13
5. Conclusão.	40
6. Referências Bibliográficas	41

RESUMO

A forma como denominamos os insetos influencia consideravelmente a maneira como os percebemos, interagimos e compreendemos. O presente estudo objetivou analisar os nomes populares de insetos mencionados em publicações de cinco grupos virtuais de hortas domésticas e suas respectivas distribuições geográficas, sob a perspectiva da netnografia. A coleta de dados envolveu a seleção de publicações contendo imagens de insetos, compartilhadas por usuários em redes sociais virtuais, juntamente com seus comentários. Dentro desses grupos, foram utilizadas dez palavras-chave para identificar publicações relacionadas a insetos pertencentes às ordens Lepidoptera, Hymenoptera, Hemiptera, Coleoptera, Orthoptera, Dermaptera, Mantodea, Psocoptera e Diptera. Realizou-se uma análise quali-quantitativa dos nomes populares mais frequentes e da região de origem dos comentários. As ordens que receberam o maior número de comentários com nomes populares foram Lepidoptera (47%), Hymenoptera (22%) e Hemiptera (17%), indicando uma maior frequência de menções a representantes dessas ordens. Notavelmente, as ordens Hymenoptera, Hemiptera e Lepidoptera apresentaram uma maior variedade de nomes populares, e também foram observados casos de associações inadequadas, com comentários controversos que podem impactar a divulgação de informações sobre os insetos.

Palavras-chave: nomes populares; netnografia; etnobiologia; etnoentomologia; redes sociais.

ABSTRACT

The manner in which insects are named significantly influences how they are perceived, interacted with, and understood. This study aimed to analyze the vernacular names of insects mentioned in publications from five virtual home garden groups and their respective geographical distributions, from a netnographic perspective. Data collection involved the selection of publications containing images of insects, shared by users on virtual social networks, along with their comments. Within these groups, ten keywords were utilized to identify publications related to insects belonging to the orders Lepidoptera, Hymenoptera, Hemiptera, Coleoptera, Orthoptera, Dermaptera, Mantodea, Psocoptera, and Diptera. A qualitative analysis was performed on the most frequent vernacular names and the region of origin of the comments. The orders that received the highest number of comments with vernacular names were Lepidoptera (47%), Hymenoptera (22%), and Hemiptera (17%), indicating a higher frequency of mentions of representatives of these orders. Notably, the orders Hymenoptera, Hemiptera, and Lepidoptera presented a greater variety of vernacular names, and cases of inadequate associations were also observed, with controversial comments that may impact the dissemination of accurate information about insects.

Keywords: vernacular names; netnography; ethnobiology; ethnoentomology; social media.

INTRODUÇÃO

Há uma grande diversidade de insetos, que representam cerca de 70% das espécies de animais no mundo, sendo assim o maior grupo, com cerca de 1 milhão de espécies (DESUÓ et al, 2010, GULLAN e CRANSTON 2017), provavelmente ainda há milhões de espécies não descobertas (MONTENEGRO, 2021, RAFAEL, 2012). O Brasil abriga o que corresponde a 9% de todas as espécies conhecidas, sendo aproximadamente 90 mil espécies, e estima-se que esse número esteja na verdade entre 500 mil e um milhão de espécies (MONTENEGRO, 2021). Os insetos são divididos em 28 ordens, com vários papéis ecológicos, atuando nos processos e em interações ecológicas, como na polinização, predação, ciclagem de nutrientes, herbivoria e controle biológico (DE BARROS, 2022, DE CAMARGO, 2015), sendo que apenas 8 ordens podem apresentar espécies com importância médica (DE BARROS, 2022).

Pela sua grande diversidade, os insetos podem apresentar diversas formas morfológicas, uma variedade de cores com muitos tons, hábitos, comportamento e habitats (MONTENEGRO 2021, DE CAMARGO 2015). Os insetos possuem três pares de pernas e essa característica que deu origem ao nome científico “Hexapoda”, ou seja, “seis pés”, classificação que abriga os insetos e outros animais menos comuns. Além dessa característica os insetos possuem o corpo dividido em três segmentos: cabeça com peças bucais, olhos compostos, ocelos e um par de antenas; o tórax tem três pares de pernas, e asas presentes nos insetos voadores; o abdômen, onde abriga os órgãos digestivos e reprodutivos. Externamente os insetos possuem um esqueleto formado principalmente por quitina que protege contra desidratação, além de conferir estabilidade e flexibilidade ao corpo (MONTENEGRO 2021, TRIPLEHORN, 2015, GULLAN e CRANSTON, 2017).

Essa grande variedade morfológica leva a população a denominar muitos insetos de ordens diferentes, mas com a morfologias similares pelo mesmo nome popular, ou por essas similaridades que são confundidos e assim chamados pelo mesmo nome (COSTA LIMA, 1938, 1940). Isto pode causar problemas na identificação desses insetos e nos impactos que podem causar, no ambiente em que está presente assim podendo afetar outros animais e populações a sua volta, mostrando assim a importância da identificação dos nomes científicos.

Os seres humanos interagem com insetos há milhares de anos e essa relação caminha em uma linha tênue entre amor e ódio, pois, para muitos, os insetos deveriam ser eliminados da Terra. Apesar de haver insetos que podem interagir negativamente com os humanos, essa fração é de apenas 1% de todas as espécies, grande parte dessa aversão aos insetos se deve às interpretações populares e às suas crendices, que por sua vez geralmente são errôneas e levam à ampliação da aversão a esses animais. Entre os tipos de danos associados aos insetos estão os danos à saúde humana, danos econômicos na agricultura e além algumas pessoas que sentem incômodos gerado pela presença dos mesmos principalmente nas áreas urbanas. Nestes casos, a palavra mais utilizada denominar os insetos é “praga”. A maioria da população associa a palavra “inseto” a pragas urbanas mais conhecidas como moscas varejeiras, baratas, traças, cupins, formigas ou insetos que podem ferir como vespas e abelhas (DESUÓ et al, 2010).

Os insetos desempenham um importante papel cultural na vida dos humanos, no idioma, medicina, religião, literatura, artes, recreação, música e história interpretativa de diferentes sociedades humanas (DESUÓ et al, 2010). Para entendermos essa relação dos insetos com os humanos na Biologia temos a etnobiologia, área que estuda as interações e conhecimentos adquiridos e formados pelas variadas sociedades em relação à natureza, que, de forma geral, é o estudo do papel da natureza nos sistemas de crenças e como afeta a vida da sociedade, como a adaptação do homem a determinados ambientes. No caso dos insetos essas relações são estudadas especificamente pela etnoentomologia, que está inserida na Etnobiologia e estuda a relação de conhecimentos, crenças, comportamentos das sociedades em relação aos insetos (SOCIEDADE ENTOMOLÓGICA DO BRASIL, 2021), ou seja, a forma como enxergam e se relacionam com os insetos.

Podemos usar, como exemplo, a cultura dos Egípcios, onde vários insetos, principalmente os besouros escarabeídeos, eram reverenciados e usados como amuletos. Nas religiões dos aztecas e dos gregos, haviam deuses e deusas com aspectos de insetos, como a deusa borboleta (*Xochiquetzal*) nos astecas e a mãe ou deusa abelha (*Mylitta*) dos gregos. Tribos indígenas da Amazônia tem rituais de iniciação a puberdade através da exposição dos jovens a picadas de formigas “tucandeiras” (*Dinoponerus* sp.). Nas religiões Judaica e Cristã, das 10 pragas do Egito, três eram insetos e outras três estavam diretamente relacionadas aos insetos (DESUÓ et al, 2010).

Quando se pensa na estética dos insetos, pelas suas cores e formas, os japoneses e chineses têm a tradição de apreciá-los. Muitos povos os utilizam os insetos como inspiração, para confecção de joias decorativas, cerâmicas e roupas, também são inspiração para músicas como por exemplo em “*The flight of the bumblebee*” (Rimsky-Korsakov), onde o vibrato imitava claramente o ruído de uma abelha. Na televisão e no cinema são retratados como monstros, por exemplo no filme “Abelhas assassinas” (Ocean Pictures). Porém a vários filmes infantis que modificam essa visão, como “Vida de Inseto” da Disney (DESUÓ et al, 2010).

A taxonomia é uma ciência teórico-prática, que é basicamente uma organização dos conhecimentos sobre os seres vivos, sendo eles agrupados por suas relações (GARBINO, 2020). Na taxonomia biológica, há códigos com regras de como devem ser compostos os nomes científicos, como o Código Internacional de Nomenclatura Zoológica (ICZN). Cada código possui suas próprias regras sendo independentes, então as regras de uma determinada área da biologia não afetam a dos outros (PAPAVERO, 1994).

A identificação taxonômica sempre foi uma preocupação dos naturalistas desde o século IV a.C.A, onde se tem a taxonomia zoológica mais antiga conhecida descrita pelo filósofo Aristóteles, no livro *Historia Animalium* que classifica os animais de maneira em que se dividiam em grupos opostos. Havia muitas formas e categorias para classificar os animais, assim Aristóteles reconheceu ser impossível agrupa-los em uma única classificação. Ele também trouxe quatro conceitos novos sendo gênero, se refere a qualquer agrupamento; espécie, se refere aos membros desse agrupamento; *differentia* se refere as características que diferenciam membros de uma classe em relação à outra e essência definida por Platão, refere-se aos atributos necessários para que uma classe de indivíduos sejam o que ela é. Os termos gênero, espécie e *differentia* são ainda utilizados na taxonomia atual (PAPAVERO, 1994).

O responsável por disseminar a nomenclatura binominal, ainda utilizada nos dias de hoje foi Carl Linnaeus. É importante ressaltar que ele não foi o primeiro a utilizar esse tipo de nomenclatura e sim Garpard e Johann Bauhin que utilizavam os binômios 200 anos antes, mais foi o primeiro a utiliza-la de forma constante, onde descreveu muitas espécies de plantas e animais. Na nomenclatura proposta por Linnaeus no século XVIII, que foi amplamente aceita, apesar da margem para instabilidade e variação, e também até o século XIX as classificações consideravam que as espécies eram entidades eternas e imutáveis, onde as variações encontradas

seriam apenas imperfeições desse modelo ideal imutável (PAPAVERO 1994, GARBINO 2020).

Charles Darwin e Alfred Wallace, consideravam essas imperfeições como uma evidência que as espécies não eram imutáveis, e sim que mudavam ao longo do tempo, passando assim a variação intraespecífica ser considerada como uma condição fundamental para a definição de uma espécie. Eles causaram dois grandes impactos na taxonomia, primeiramente as semelhanças encontradas entre as espécies é devido à uma ancestralidade em comum; e segundo, houve a compreensão de que as variações são essenciais para que ocorra a evolução. Após a publicação de *A origem das espécies*, nas décadas de 1940 e 1950 surgiu o movimento da Síntese Moderna, onde consolidou o pensamento populacional em biologia e a união da genética Mendeliana a teoria da seleção natural, assim vai se disseminando que as espécies evoluem, sendo dinâmicas e variáveis (GARBINO, 2020).

A última grande influência ocorreu na década de 1960, principalmente pelos trabalhos de Willi Hennig, entomólogo alemão que defendia que agrupamentos naturais dos seres vivos deviam ser definidos com bases em características derivadas, as apomorfias, enquanto os grupos denominados monofiléticos possuem um ancestral em comum exclusivo, sendo os únicos táxons admissíveis em classificações biológicas (GARBINO, 2020).

Em contrapartida da identificação taxonômica, temos os nomes populares que podem apresentar uma grande variedade de um local para outro, de acordo com a experiências dos grupos de pessoas ao terem contatos com os animais, podendo fazer referência sobre seus hábitos ou sua aparência por exemplo (GARBINO 2020, SCHULTZ, 2015). Muitas vezes um nome popular pode se referir a espécies completamente diferentes ou similares como se fossem uma, gerando outros tipos de problemas como confundir uma espécie de importância médica com uma espécie inofensiva e também temos os casos onde o animal não tem um nome popular conhecido (GULLAN e CRASTON, 2017).

A Etnografia é uma especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades (DE MATTOS, 2011). Dentro desse conceito existe a netnografia que é uma forma especializada da etnografia, onde é utilizado as redes sociais virtuais para realizar pesquisas (KOZINETS, 2014).

As Redes Sociais Virtuais - RSV reúnem mais do que usuários, agrupam

peessoas em grupos distintos, por afinidades que apresentam atributos sociais. Com o passar do tempo, as RSV deixaram de ser apenas um meio de conhecer pessoas com interesses semelhantes, de comercialização de marcas, produtos e serviços, para propagação de publicidades (virais) e memes de descontração, e tornaram-se, também, canais para estudos científicos e empíricos, servindo como meio para coleta de dados, para divulgação de resultados e até como termômetro de receptividade de temas, uma vez que é possível coletar dados divulgados na rede, observar comportamentos sociais, estabelecer diálogo com os membros da amostra e até mesmo estabelecer contatos individuais com entrevistados (COSTA, 2018).

As variações de nomes populares podem ser estudadas por meio da etnobiologia e da netnografia, e ainda podemos mostrar a importância dos nomes científicos pois, muitos nomes populares são usados para se referir a dois insetos diferentes, podendo ser na mesma cidade, região, estado ou país.

OBJETIVO

O objetivo deste presente trabalho foi entender o uso dos nomes populares dos insetos pelos usuários das redes sociais. Os objetivos específicos foram analisar os nomes populares quanto ao regionalismo e correta identificação dos insetos.

METODOLOGIA

Para esse estudo, foi utilizado a netnografia, um método que se adapta a análise de interações nas redes sociais, sendo uma forma de aplicar a etnografia em contexto virtual. Essa abordagem possibilita, de forma flexível, que o pesquisador acessar publicações e comentários em diferentes momentos e locais. No entanto, há certas limitações quando à confiabilidade de dados. Por isso, a metodologia foi construída de forma a manter o rigor e a fidelidade das informações, permitindo o acesso ao conhecimento popular presente nas redes sociais, e possibilitando a análise desses conhecimentos em conjunto com o conhecimento científico (KOZINETS, 2014).

A RSV Facebook permite a seus usuários criarem grupos para o compartilhamento de informações e espaços de discussão com diversas temáticas. Para encontrar os grupos foram usadas as palavras-chaves: horta, horta doméstica,

plantas, plantas cultivadas. Dentre esses, foram selecionados 5 grupos com a temática de horta doméstica, pois haviam muitas publicações e interações entre os usuários desta RSV. Em cada grupo, a busca por publicações foi realizada por meio de palavras-chave como “inseto”, “bicho”, “bixo”, “animal”, “praga”, “matar”, “acabando”, “estranho”, “parasita” e “O que”, que de forma padrão, foram usadas pelos usuários autores da publicação para se referir aos insetos.

No período de fevereiro de 2019 a março de 2023 foram analisadas 67 publicações, sendo considerado os seguintes critérios de inclusão para a análise: a nitidez da foto ou vídeo para realizar a identificação do inseto, se haviam comentários falando o nome popular do inseto, ou se haviam histórias ou acontecimentos mostrando relação de crenças ou da localidade do usuário. Os dados foram organizados de forma que os usuários não fossem identificados, preservando-se assim sua identidade.

Para ajudar na identificação dos insetos foi usado o aplicativo Google Lens (<https://lens.google/intl/pt-BR/>), além da consulta à bibliografia especializada, como Costa Lima (1938, 1940) e Rafael et al (2024), e também sites como o Insetologia (<https://www.insetologia.com.br/>) e Bugguide (<https://bugguide.net/>).

Para a análise dos dados, foram empregadas abordagens qualitativas e quantitativas, com representações gráficas. Usando o programa estatístico R, foram elaborados gráficos bipartidos, nos quais os dois conjuntos representam os nomes populares de insetos e as regiões conectados por linhas de espessura variável, de acordo com a frequência de ocorrência dos nomes por região. Com o aplicativo Canvas, foram elaborados mapas, com o nomes populares mais recorrentes com uma ou outra exceção. Além disso, foram utilizados gráficos em formato de pizza, com o intuito de visualizar a proporção de nomes populares atribuídos a cada ordem de inseto, a famílias das ordens em alguns casos.

A análise envolveu também uma discussão sobre os nomes populares (termos) sobre os significados atribuídos a eles, e suas possíveis origens culturais ou linguísticas, bem como suas relações com aspectos morfológicos, comportamentais ou simbólicos dos insetos. Em alguns casos, foi possível identificar influências regionais, expressões locais, crenças populares e até associações com outros animais ou situações cotidianas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cinco grupos de horta foram acompanhados no período de coleta de dados e

2.807 comentários foram selecionados. Destes, 2.049 comentários (73%) continham a região do usuário e 758 (27%) não. A variação de publicações por grupo foi de 1 a 57 publicações, sendo que o Grupo Horta 2 foi o responsável por 85,07% das publicações analisadas. Cada publicação teve variação de 1 a 546 comentários, com nomes populares de insetos de diversas ordens.

Nas publicações, foram identificadas as seguintes ordens: Lepidoptera, Hemiptera, Hymenoptera, Orthoptera, Diptera, Mantodea, Coleoptera, Dermaptera, Psocoptera. A Figura 1 ilustra a porcentagem de cada uma delas. As ordens com mais comentários foram Lepidoptera com 48%, em seguida Hymenoptera e Hemiptera com 22,50% e 13,90% respectivamente. Já Coleoptera (6,60%), Orthoptera (6,00%), Dermaptera (1,70%), Mantodea (0,70%), Psocoptera (0,40%) e Diptera (0,20%), além menos comentários, também apresentaram poucas publicações.

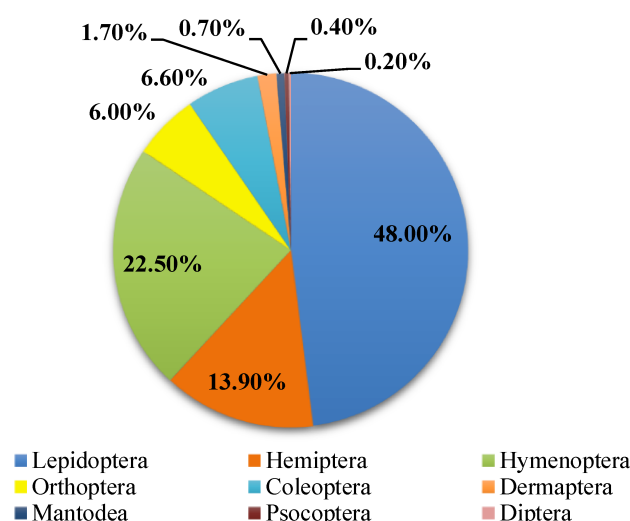


Figura 1: Porcentagem de comentários de nomes populares organizados pelas principais ordens encontradas nos grupos da RSV.

A ordem Dermaptera teve 2 publicações com duas espécies diferentes *Doru* sp. e *Labidura riparia*, com 48 comentários no total. Foram citados 12 nomes populares, que foram reunidos em quatro grupos diferentes: “Tesourinha” (37,14% dos comentários), “Potó/Poto” (28,57%), “Lacraia” (14,29%) e “Outros” (20%) como ilustrado abaixo (Figura 2).

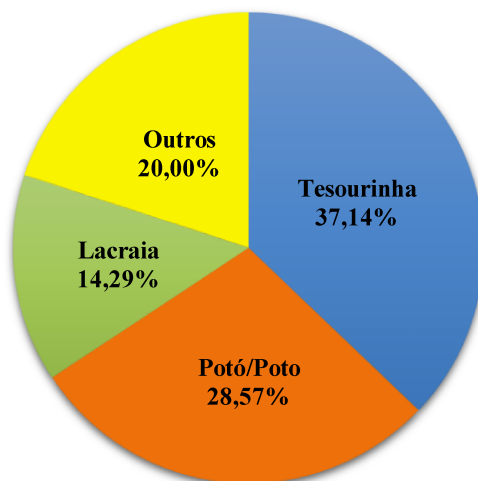


Figura 2: Porcentagem de comentários com os nomes populares encontrados na ordem Dermaptera.

O termo “Tesourinha” incluiu os seguintes nomes “Tesourinha” nome ao qual eles são mais conhecidos, sendo provavelmente uma associação aos cercos com formato de pinças na extremidade final do abdome lembrando o formato de uma tesoura (IHERING, 1940, COSTA LIMA, 1952, HELEODORO, 2024), “Tesoura”, “Tesourinha fedorenta”, sendo mais usado na região sudestes (28,57%), seguido pela região sul (10,71%), e o norte e nordeste (3,57%) com a mesma frequência. O termo “Potó/Poto” reuniu, “Potó”, “Poto” e “Potó-pimenta”, termos utilizados para se referir a algumas espécies de besouros da família Staphylinidae que possuem forma alongada (IHERING, 1940, COSTA LIMA, 1952), indicando que provavelmente a utilização desses termos se deve a morfologia similar entre esses insetos, foi mais usado nas regiões sudeste e centro-oeste (10,71%) com a mesma frequência, e no nordeste (7,14%) e norte (7,14%). O termo “Lacaia” reúne “Lacaia”, “Lacrainha” e “Lacaia do milho”, foi mais usado na região sudeste (10,71%), e sul (7,14%), assim como ocorreu com “Poto”, a utilização desses termos provavelmente está ligada a morfologia, pois as lacraias ou centopeias apresentam forma alongada e cercos no ultimo segmento abdominal, possibilitando uma associação visual, por isso “Lacrainha” é admissível pelo tamanho desses insetos mais “Lacaia” cabe mais ao táxon das “Centopeias”.

Tanto “Tesourinha” quanto “Lacrainha” são os nomes mais comuns no Brasil (IHERING, 1940, HELEODORO, 2024), conforme observado, “Tesourinha” foi o mais frequente na região sudeste e também apresentou alta frequênciana na região sul, enquanto “Lacrainha” foi utilizado somente nessas regiões. E “Potó/Poto” ocorreu de

forma equilibrada nas regiões sudeste, centro-oeste, norte e nordeste (Figura 3). Um dos usuários que utilizou este termo relatou que *“Essa lacraia ele ã estragar as plantas e sim fazem o controle das lagartas invasoras”*.

Em “Outros” foram reunidos aqueles que a região geográfica não foi identificada, “Tesourinha afiada” e “Lacraia Piscadeira”, além daqueles nomes não apropriados para eles, sendo comumente utilizados para denominar outros insetos ou aracnídeos, “Escorpião”, “Escorpiaozinho”, provavelmente por causa dos cercos, para alguns pode ser semelhante ou lembrar a estrutura que os escorpiões possuem o ferrão, “Barata”, “Traça” e “Vespa” não parecem ter relação com a morfologia ou os hábitos dos dermápteros, e não foram encontrados registros literários com a utilização desses nomes populares para dermápteros.



Figura 3: Mapa com a distribuição por região dos principais dos nomes populares da ordem Dermaptera.

A ordem Mantodea também teve 2 publicações, com 20 comentários no total, com 4 nomes populares diferentes que foram agrupados em “Bicho pau” (22,73%), “Cavalo” (18,18%), “Louva a Deus” (31,82%) e “Outros” (27,27%) como ilustrado abaixo (Figura 4).

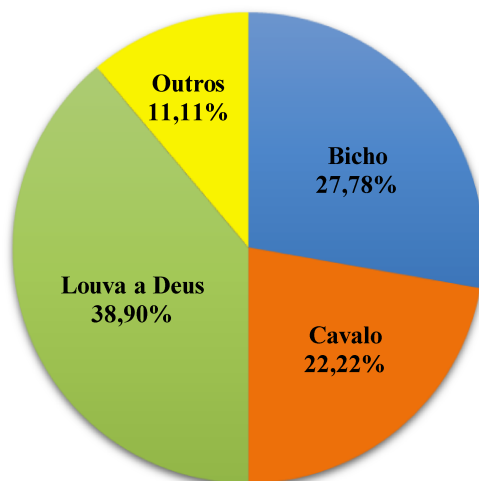


Figura 4: Porcentagem de comentários com os nomes populares na ordem Mantodea.

O termo “Bicho” teve dois nomes distintos, “Bicho pau” e “Bixo pai” provavelmente “pai” é um erro de digitação, porém pode também estar se referindo a Deus, foi utilizado nas regiões no sudeste e nordeste (11,11%) com a mesma frequência e menor no sul (5,56%). O termo Cavalo apresentou três nomes distintos sendo “Cavalo de Deus”, “Cavalinho de deus”, “Cavalo do cão”, neste caso “cão” se refere ao diabo (IHERING, 1940), utilizados nas regiões norte (11,11%), sul e sudeste (5,56%) com a mesma frequência. O termo “Louva a Deus” com variações apenas na forma de escrita sendo “Louva a Deus” ou “Louva Deus”, esse nome é devido à posição do primeiro par de pernas que ficam próximas ao corpo durante o repouso curvadas lembrando a posição de rezar (SANTOS, 2017), foi utilizado nas regiões sul (16,67%), sudeste (11,11%), centro-oeste e norte (5,56%) com a mesma frequência.

E em “Outros” foi agrupado os nomes que se designaram “Mane mago”, nome popular normalmente utilizado para os bichos-paus-falsos, da ordem Orthoptera, porém diversas vezes é utilizado para os verdadeiros, da ordem Phasmatodea, foi utilizado nas regiões sudeste e nordeste (5,56%) com a mesma frequência. Os comentários em que a região geografia não foi identificada usaram as expressões “Cavalo de pau”, “Cavalinho de deus”, “Louva-a-deus” e “Louva-deus. Assim o termo “Cavalo do cão” foi citado somente em usuários da região norte.

Como observa-se acima, o termo “Bicho” apareceu de forma equilibrada nas regiões sudeste e nordeste, e com uma menor frequência no sul. O termo “Louva a Deus” teve a maior frequência no sul, e apareceu com uma alta frequência no sudeste também, além de ser o termo que teve a maior distribuição aparecendo em 4 das 5

regiões. O termo “Cavalo” teve a maior frequência no norte, principalmente “Cavalo do cão” que teve ocorrência somente na região norte, e “Mane mago” apareceu de forma equilibrada no sudeste e nordeste (Figura 5).

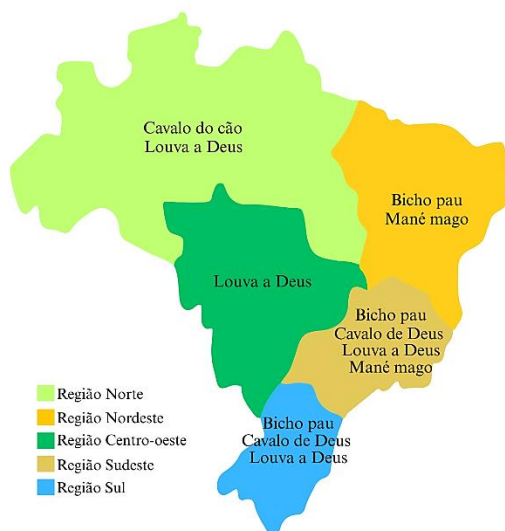


Figura 5: Mapa com a distribuição por região dos principais nomes populares da ordem Mantodea.

Orthoptera teve 6 publicações com 122 comentários selecionados, a ordem foi dividida em duas famílias de acordo com os insetos das publicações, a família Acridiidae, com três espécies de gafanhotos: *Baeacris punctulata*, *Ronderosia bergii*, *Chromacris speciosa* (Figura 6) e a família Tettigoniidae, todas as publicações foram com apenas um inseto sendo a espécie *Microcentrum* sp., que é uma esperança (Figura 8).

Observa-se que o termo “Gafanhoto” (20,49%) que abrangeu as famílias Acridiidae e Tettigoniidae, no entanto os propriamente ditos pertencem à família Acridiidae (IHERING, 1940), apresentou como variação o termo “Gafanhoto soltado” e foi mais utilizado nas regiões sudeste (8,20%) e sul (6,56%), nordeste (2,46%), no centro-oeste e norte (1,64%) com a mesma frequência. O termo “Grilo” (10,66%) que abrange a família Gryllidae (IHERING, 1940), termo provavelmente utilizado pela morfologia similar com os gafanhotos, e também houveram muitas pessoas que denominam esses dois animais da mesma forma, foi mais utilizado nas regiões sudeste e sul (4,10%) com a mesma frequência, centro-oeste (1,64%) e no norte (0,82%). Em “Outros” (0,82%) o termo é “Brasileirinho” fazendo referência a cor, que é verde e amarelo durante a fase de ninfa da espécie *Chromacris speciosa*, e foi utilizado na região norte (0,82%) (Figura 7).

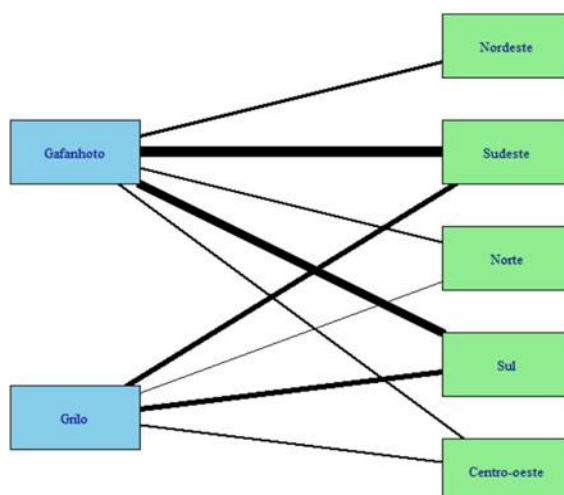


Figura 6: Grafo bipartido com a relação dos nomes populares da família Acridiidae da ordem Orthoptera com as cinco regiões do Brasil. A espessura das linhas varia de acordo com a frequência de ocorrência do nome popular na respectiva região, linhas mais espessas indicam maior número de menções.



Figura 7: Mapa com a distribuição por região dos principais nomes populares da família Acridiidae da ordem Orthoptera.

Apesar da publicação apresentar a imagem da esperança, os usuários nomearam-na com uma grande variedade de nomes (Figura 8). Eles usaram os termos “Gafanhoto” (13,93%) com as variações “Gafanhoto de farda”, “Gafanhoto folha” e “Gafanhoto verde”, utilizado sudeste (6,56%), sul (4,10%), norte (1,64%), centro-oeste e nordeste (0,82%) com a mesma frequência; e “Grilo” (18,03%) com duas variações “Grilo piu louva deus” e “Grilo verde”, utilizado mais nas regiões sudeste e sul (7,38%) com a mesma frequência, centro-oeste (2,46%) e nordeste (0,82%),

entretanto esses termos abrangem espécies de outras famílias. E o termo “Esperança” (26,23%) ocorre por quase sempre serem verdes (IHERING, 1940), este sendo o mais utilizado para se referir a esses insetos, uma variação que apareceu foi “Esperança verde”, as regiões com destaque foram sudeste (10,66%) e nordeste (9,84%), e depois o sul (3,28%), centro-oeste (1,64%) e norte (0,82%) (Figura 9).

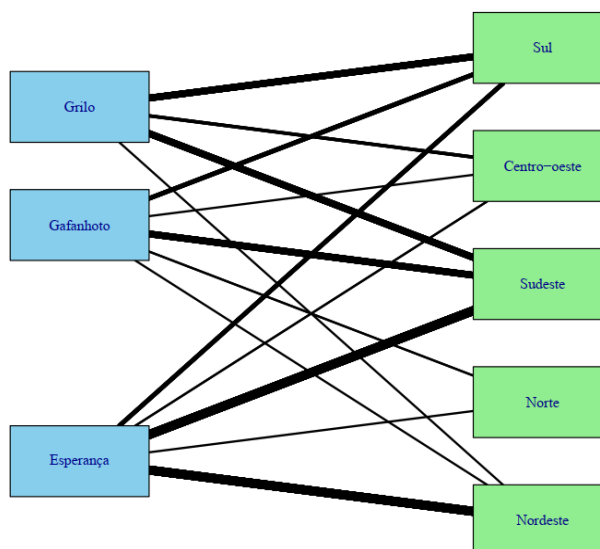


Figura 8: Grafo bipartido com a relação dos nomes populares da família Tettigoniidae, com as cinco regiões do Brasil. A espessura das linhas varia de acordo com a frequência de ocorrência do nome popular na respectiva região, linhas mais espessas indicam maior número de menções.

Os relatos de usuários nas publicações dos grupos da rede social ilustram como a esperança é vista de forma positiva: “Aqui temos a lenda de quando uma aparece ,quer dizer que coisas boas vão acontecer.”; “É O tipo de um grilo chamado esperança ou louva Deeus inofensivo”; “É um tipo de gafanhoto nunca vi ele comendo planta chamam ele de esperança dizem que quando senta na gente trás sorte moro em cidade do interior, quando entram em casa boto pra fora sem matar”. Nestes relatos podemos ver a forma como os nomes populares podem ser empregados para diversas espécies sendo similares ou não, e como a visão humana sobre os insetos podem ser influenciadas por muitos fatores, como abundância, sensação visual ou tátil, religiosidade, associação as doenças, prejuízos ou benefícios e até mesmo o conhecimento ou desconhecimento sobre o animal.

Em “Outros” (9,84%) os termos foram “Bicho folha” se referindo a aparecia, que se assemelha a uma folha, assim como “Gafanhoto de farda”, “Gafanhoto folha” e “Gafanhoto verde” variações que apareceram em “Gafanhoto”, “Bicho folha” (Figura

9) teve registro apenas na região sul (1,64%) e “Ninfas de esperança” se refere as ninfas de uma das publicações com registro na região sudeste (1,64%) e sul (0,82%); os termos não apropriados foram “Lacraia nordestina”, “Louva Deus”, “Minhoca”, “Opilião” que apareceram nas regiões sudeste (4,10%), sul e nordeste (0,82%) com a mesma frequência.



Figura 9: Mapa com a distribuição por região dos principais nomes populares da família Tettigoniidae da ordem Orthoptera.

A ordem Hemiptera apresentou 26 publicações com 390 comentários no total, com uma grande variedade de espécies (Figura 10). Os hemípteros que tiveram maior destaque foram os percevejos que pertencem a subordem Heteroptera com 9 espécies diferentes: *Arvelius albopunctatus*, *Camptischium* sp., *Diactor bilineatus*, *Holhymenia rubiginosa*, *Leptoglossus gonagra*, *Leptoglossus* sp., *Machtima crucigera*, *Spartocera fusca* e *Spartocera* sp.

Podemos ver abaixo que o termo “Percevejo” (46,72%), que compreende todos os hemípteros (IHERING, 1940), foi utilizado em todas as regiões e principalmente na região sudeste, nordeste e sul. O termo “Maria fedida” (7,66%) foi o mais utilizado na região sudeste, nordeste, centro-oeste e norte, com maior frequência no sudeste. Os outros dois termos se concentraram em uma ou duas regiões, Frade (1,46%) e Fede fede (4,38%) foram utilizados somente na região sul, já Ninfas de percevejo (1,82%) foram utilizados no centro-oeste e sudeste (Figura 10 e 11).

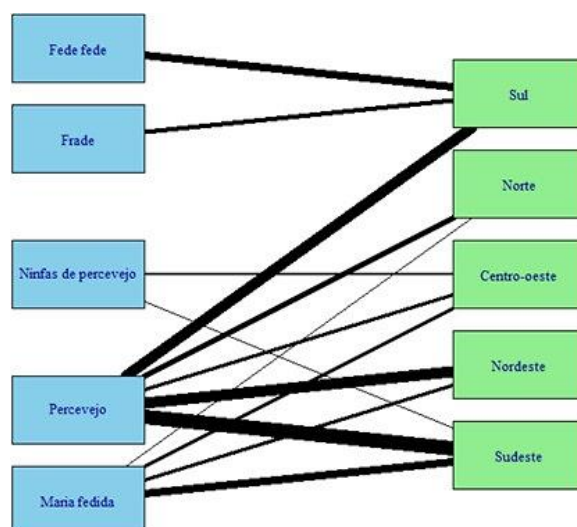


Figura 10: Grafo bipartido com a relação dos nomes populares da ordem Hemiptera com as cinco regiões do Brasil. A espessura das linhas varia de acordo com a frequência de ocorrência do nome popular na respectiva região, linhas mais espessas indicam maior número de menções.

Além desses nomes, foram citados outros que, para essas espécies, não se aplicariam, pois são empregados para outra espécie como a que causa a doença de Chagas, o “Barbeiro” (16,79%)m que agrupou os termos “Barbeiro de planta” e “Percevejo barbeiro”, foi utilizado nas regiões sudeste, nordeste, sul, norte e centro-oeste. O termo “Joaninha” é utilizado para espécies da família Coccinellidae da ordem Coleoptera (4,74%), foi utilizado nas regiões sudeste, nordeste e sul, e “Pulgão” (3,65%), que é termo utilizado para espécies de uma superfamília Aphidoidea utilizado nas regiões sudeste, sul, norte, nordeste e centro-oeste.

No grupo “Outros” (12,77%) foram colocados os nomes menos frequentes, como “Chupança” (Figura 11) provavelmente se referindo ao hábito desses insetos de sugarem a seiva da planta, que é mais utilizado com “Barbeiros” e foi utilizado nas regiões sudeste e sul, os termos “Chupao so fede”, “Fedegoso”, “Fedido” (Figura 11) se referem aos que são conhecidos popularmente como “Maria Fedida”, termos que foram utilizados pela região sudeste. E os não tão apropriados para serem utilizados com esses insetos, “Besouro” nas regiões sudeste e nordeste, “Bicudo” principalmente no sul, e teve no sudeste, “Potó” principalmente nas regiões norte e nordeste, teve sudeste, “Rola bosta” utilizado no norte, “Vaquinha” utilizado no sudeste, onde um é o nome vulgar dos besouros e os outros quatro anteriores são comumente utilizados para nomear espécies específicas de besouros; “Cigarra”, “Pulgas”, “Tabijua”, “Piolho”, “Carrapato”, “Grilo” que são utilizados para nomear outros insetos, que se

diferem ainda morfologicamente, foram utilizados no sudeste, sul, nordeste e norte.

Relatos de usuários nas publicações dos grupos da rede social que utilizaram os termos: “Percevejo”, “*amiguinho do barbeiro são dois bichos muito perigosos*”, “*Faça uma pesquisa porque se não estou enganada eles também causam doença de chagas...*” e “Barbeiro”, “Percevejo barbeiro”, “*são barbeiros mansos*”, “*Porém ele não é hematofago ou seja, aquele que alimenta de sangue. Esse aí é fitofago, alimenta de plantas. Não transmite a doença de Chagas.*”, “*são ofensivo, são do bem*”.

Os relatos para o termo “Percevejo” falam que são insetos perigosos e que podem causar chagas já para o termo “Barbeiro” utilizado para os percevejos que são portadores do protozoário *Trypanossoma cruzi*, agente infeccioso da Doença de Chagas, foram dizendo justamente o contrário, mostrando assim o perigo que algumas confusões taxonômicas podem causar, pois além de um dos termos se referirem especificamente a uma espécie de importância médica, a falta de conhecimento pode causar a exterminação indiscriminada de espécies inofensivas e até mesmo daquelas que podem oferecer algum perigo por sua importância no equilíbrio ambiental (DE BARROS, 2022, MOURA, 2010).



Figura 11: Mapa com a distribuição por região dos principais nomes populares da ordem Hemiptera, subordem Heteroptera.

Outras cinco publicações relacionam-se com insetos das subordens Auchenorrhyncha com uma publicação da espécie *Versigonalia ruficauda* com um único comentário “cigarrinha das pastagens” da região sudeste e da subordem Sternorrhyncha, família Aphididae com a espécie *Toxoptera citricida* com duas

publicações com um comentário cada sendo das regiões sudeste e sul, se referindo ao inseto como “pulgão”, e da família Pseudococcidae com a espécie *Planococcus citri*, com duas publicações com 20 comentários no total, onde o nome mais usado foi “cochonilha” (44%), utilizado nas regiões sul, sudeste, centro-oeste e norte. Outros nomes comentados com uma menor frequência foram “Pulgão”, regiões sul e sudeste, e “Larva de joaninha” ambos com 13%; e com 6% “Fungos”, região sudeste, este nome provavelmente foi utilizado pelo aspecto branco que muitas cochonilhas. Os termos “Piolho de planta”, na região sul, fazem uma ligação entre o piolho que é um parasita humano com a cochonilha que é parasita de plantas; “Mosca Branca” e “Purgao chamdo cochonilha”.

A ordem Lepidoptera teve 24 publicações com 1046 comentários no total, com 15 espécies diferentes e uma família, cujo gênero não foi identificado: *Acharia* sp., *Aellopos fadus*, *Automeris* sp., *Brithys crini*, *Erinnys ello*, *Lonomia* sp., *Methona themisto*, *Manduca sexta*, *Oiketicus kirbyi*, *Opsiphanes* sp., *Opsiphanes invirae*, *Papilio* sp., *Phobetron* sp., *Pieris anchisiades*, *Pieris brassicae*, e a família Megalopygidae.

Essas espécies foram divididas em dois grupos denominados popularmente como Mariposas e Borboletas, algumas características morfológicas que podem nos ajudar a diferencia-las são o formato/tipo da antena, sistema de acoplamento das asas, ao pousar as borboletas mantêm suas asas juntas verticalmente sobre o corpo e as mariposas mantem as asas estendidas lateralmente ou cobrindo o corpo, além disso as borboletas possuem um hábitos diurnos majoritariamente, enquanto as mariposas possuem hábitos noturnos ou crepuscular, lembrando que a exceções em ambos os grupos (FREITAS, 2024; GULLAN e CRASTON, 2017).

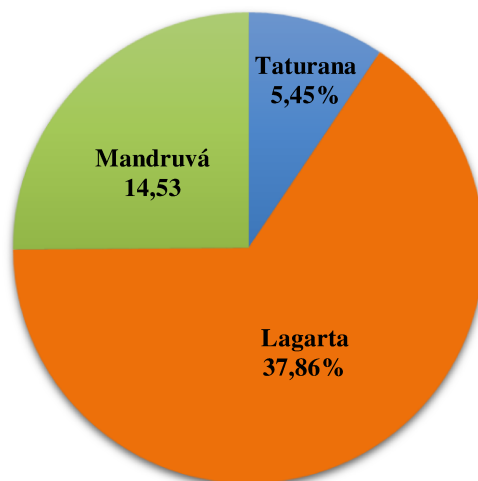


Figura 12: Porcentagem de comentários de nomes populares usados na ordem Lepidoptera (Borboletas e Mariposas).

De modo geral tanto as larvas de borboletas quanto de mariposas (Figura 12) foram nomeadas popularmente com os seguintes termos “Lagarta” (37,86%) forma ao qual se referem as larvas de lepidópteros, fase subsequente ao ovo (IHERING, 1940) com uma frequência alta em ambos os grupos porém com mais destaque nas larvas de borboletas, com maior frequência na região sudeste (19,02%), depois nordeste (8,41%), sul (5,45%), norte e centro-oeste (2,49%) com a mesma frequência; o termo “Mandruvá” (14,53%) é uma das muitas variações de “Marandová”, se refere no geral as larvas maiores (IHERING, 1940), esse termo vem do tupi marandoba/wá, foi mais utilizado para as larvas de borboletas, a utilização por região: sudeste (3,49%), sul (1,05%), nordeste e centro-oeste (0,38%) com a mesma frequência e norte (0,19%); “Taturana” (5,45%) utilizado mais para lagartas com pelos ou cerdas, esse termo vem do tupi: Tata – fogo e Rana – parecido/imitante, se referindo ao ardor causada ao ter contato com esses insetos (IHERING, 1940), foi mais utilizado para as larvas de mariposas, e foi utilizado nas regiões: sudeste (6,31%), sul (4,11%), centro-oeste (2,01%), nordeste (1,34%) e norte (0,76%).

Nas espécies presentes no grupo Mariposas (*Acharia* sp., *Automeris* sp., *Brithys crini*, *Erinnys ello*, *Lonomia* sp., *Manduca sexta*, *Oiketicus kirbyi*, *Phobetron* sp., e a família Megalopygidae) os termos mais utilizados de forma ampla e com maior frequência foram “Lagarta” (16,25%), “Lagarta de fogo” (7,65%) também é mais utilizado para lagartas com pelos ou cerdas (IHERING, 1940), “Taturana” (13,58%) (Figura 13), e os termos amplos com menor frequência “Cachorrinha/o”

(1,34%) provavelmente pela aparência mais peluda que algumas lagartas possuem , “Mandruvá” (1,91%), “Sassurana” (1,43%) outro termo utilizado mais com lagartas de pelos ou cerdas (IHERING, 1940) , “Taturana bezerra” (4,40%) provavelmente o “bezerra” é utilizado também pela aparência mais peluda que algumas lagartas possuem, assemelhando-se aos bovinos.



Figura 13: Mapa com a distribuição por região dos principais nomes populares da ordem Lepidoptera (Mariposas).

Outros termos foram agrupados por serem mais específicos de alguma espécie, como caso da família "Megalopygidae" (7,84%) onde foi agrupado “Bezerra”, “Bicho cachorrinho”, “Bicho de bezerro”, “Bicho de gatinho”, “Bicho patinho”, “Bicho pinto”, “Bugio”, “Cabrita”, “Cachorrinho vermelho”, “Carneira”, “Imbira cachorro” a palavra “Imbira” provavelmente vem de Ambira outro termo para denominar lagartas urticantes (IHERING, 1940), “Lagarta cachorrinho/a”, “Lagarta de quati”, “Orelha de burro/vaca”, “Pelo de boi”, “Pelo de vaca”, “Pelo de viado”, “Piolho de preguiça”, “Rabo de veado”, “Taturana cachorrinho/a”, “Taturana cabrita”, “Taturana carneira”, “Taturana coelho”, “Taturana escovinha”, “Taturana gatinho”, “Taturana lobinho”, “Taturana pelo de viado”, “Taturana pelos amarelas”, “Taturana rabo de veado”, “Taturana rata”, “Taturana tatuzinho”. Todos esses termos estão ligados a nomes de animais que possuem pelos, se referindo as lagartas como uma parte do corpo como em “Orelha”, “Pelo” e “Rabo”, ao próprio animal no diminutivo como “cachorrinho” e “gatinho” e até mesmo a objetos com certas como “escovinha” as lagartas dessa família possuem longos pelos, podendo ser mais ou menos densos (COSTA, 1945),

isso explicaria o porquê dos termos anteriores ligarem elas a animais com pelos.

Na espécie *Oiketicus kirbyi* (3,63%) foi utilizado o termo “Bicho do cesto” pois essas lagartas criam cestos individuais com fragmentos de folhas, e gravetos revestida com fios de sedae conforme crescem expõem as exuvias pela abertura posterior do cesto, os termos “Casulo” estrutura fina ou espessa, feito com fio de seda continuo e entrelaçado secretado pelas glândulas labiais, onde fica a “Pupa” sendo a forma correta pupa fase de desenvolvimento durante essa “Metamorfose” que é a transformação morfológica e fisiológica e “Lagarta no casulo”, se referem a fase de desenvolvimento depois da fase larval e antes do adulto, porém as fêmeas dessa espécie são larviformes e apenas os machos possuem a forma adulta (COSTA, 1945; IHERING, 1940), outros termos que apareceram foram “Bicho da seda” que apesar de ter sido o termo mais frequente se refere a outra espécie quase que exclusivamente, “Taturana branca” que provavelmente se refere a mesma espécie que o termo anterior e “Cabungui/e” que não há registrado na literatura, nem o significado ou origem do termo.

A espécie *Lonomia sp.* (0,57% das citações) com os termos “Lagartos lonomia”, “Lamonia”, “Lonomias” fazendo referência ao gênero; *Phobetron sp.* (1,72%) com os termos “Lagarta aranha” e “Lagarta do mar” que se referem as projeções laterais que essas lagartas possuem lembrando uma aranha ou polvo, “Lesma de macaco” provavelmente por possuírem pelos e serem mais achatadas como as lesmas, “Mariposa bruxa” termo utilizado para descrever adultos de tamanho médio ou grande e de cores escuras, provavelmente o usuário do comentário já conhecia a espécie e *Acharia sp.* (0,38%) com os termos “Lagarta lesma” e “Lagarta tanque” provavelmente pela sua forma achatada.

E o restante dos termos foram separados em “Queimação” (2,01%) com os termos associados a ardência, irritação, ao poder urticante que algumas lagartas possuem, que pode ocorrer na pele ao ter contato com algumas espécies, os termos utilizados foram “Lagarta queimadeira”, “Lagarta sapecadeira”, “Lagarta urticante”, “Sapecadeira”, “Taturana de fogo”, “Taturana lagarta de fogo”, “Taturana queimar”, “Esposa do sapecador”, “Lagarta venenosa”, “Taturana pela saco”, “Taturana venenosa”; no grupo “Larvas com pelos/cerdas” (1,72%) ficaram os termos que fazem associação a muitos pelos ou cerdas, sendo “Bicho cabeluda”, “Bicho mona”, “Capota”, “Lagarta bezerro”, “Lagarta carneira”, “Lagarta cobertor”, “Lagarta de pelo”, “Lagarta de preguiça”, “Lagarta peluda” e “Taturana chapeluda”.

Em “Outros” foi deixado os termos mais amplos, diversificados, comentários sobre o inseto, aqueles que fazem uma referência a alguma característica específica e aqueles que não são tão apropriados para esses insetos. Os termos mais amplos, diversificados (3,06% dos comentários) foram “Bicho taturana”, “Borboleta” denominação vulgar dos lepidópteros com hábitos diurnos (IHERING, 1940), “Filhote de maranduva”, “Lagarta de mariposa”, “Lagarta taturana”, os termos “Madorova”, “Malandrova”, “Mandarova”, “Mandorová”, “Manduruvá”, “Manduruva”, “Maranduva” são variações de “Marandová”, “Mariposa” designa os lepidópteros geralmente noturnos (IHERING, 1940), “Maripouza marrom”, “Taturana bicho”, “Taturana da laranjeira” e “Taturanas pinheiro”, esses termos podem ser utilizados com uma diversidade muito ampla de espécies.

Os termos não apropriados (1,15%) citados para esses insetos são “Coró”, que é para as larvas de besouros lamellicórneos e outros (IHERING, 1940), “Curu-quere” (Curuquerê) lagarta da mariposa da família Noctuideos (IHERING, 1940), “Gervão” segundo Ihering (1940,p. 361) *“O Dr. Arthur Neiva ouviu chamarem assim, em Santa Catarina, uma lagarta que ataca a mandioca, fazendo estragos”*, “Lovo” não há registro na literatura, nem o significado ou origem deste termo, “Pararam” provavelmente é Pararama nome comum dado a uma lagarta urticante nativa da região amazônica e encontrada em plantações artificiais de seringueiras no Estado do Pará (CARDOSO, 2005, GABRILI, 2023), “Sacova” não há registro na literatura, porém no dicionário informal um usuário colocou *“Espécie de lagarta grande e gorda que sobe as paredes no início de outubro, tem aproximadamente 10 cm...”*, “Tapuru” tem origem indígena, denominação variável conforme a região podendo ser utilizado para ovos ou larvas de dípteros na Bahia, a qualquer larva branca no Ceará, já na Amazônia pode ser utilizado para lagartas urticantes (IHERING, 1940), tento o termo “Tapuru patinho” o mesmo significado e “Turu preguiça” provavelmente é uma variação, “Tarântula de fogo” que provavelmente é um erro de digitação que seria Taturana e “Taturana macumbinha”. Além disso, temos os termos (1,53%) “7 coro”, “Bicho de monte”, “Bicho de ruma”, “Lagarta 7 capa”, “Lagarta de ruma”, “Lagarta de sete coro”, “Lagartas de ruh”, “Mandruva de sete camada”, “Monte monte”, “Pia de sete” que fazem referência ao comportamento de agrupamento das larvas e a ardência que o contato com esses insetos pode causar, esses termos juntamente com Caréstia foram mais utilizados para *Perreyia sp.* uma espécie da ordem Hymenoptera que também possuem esse comportamento de

agrupamento. E teve dois termos (0,19%) que aparentemente são comentários sobre a aparência desses insetos “Coisa feia” e “Lindinho”.

Nos grupos das Borboletas (*Aellopos fadus*, *Methona themisto*, *Opsiphanes* sp., *Opsiphanes invirae*, *Papilio* sp., *Pieris anchisiades*, *Pieris brassicae*) os nomes mais utilizados foram “Lagarta” (21,61%), “Mandruvá” (3,54%) e “Taturana” (0,96%) (Figura 14).



Figura 14: Mapa com a distribuição por região dos principais nomes populares da ordem Lepdoptera (Borboletas).

No grupo “Outros” contém os termos menos utilizados “Borboletas”, “Caixão de defunto” que não há muitos registros literários, porém a relatos no site Insetologia e também vídeos no Youtube onde os usuários se referem principalmente as lagartas da família Papilionidae, pois além de uma aparecia que lembra ou se assemelha ao excremento de aves elas projetam quando incomodadas em um ponto sinuado do pronoto um apêndice geralmente alaranjado em forma de Y, que libera um odor desagradável (COSTA, 1950; SANTOS, 2023), por isso além da ligação com caixão muitos fazem com “Lingua de cobra” pela aparência desse apêndice.

As variações de “Marandová” como “Mandarova”, “Mandaria de coqueiro”, “Manderova”, “Mandorova”, “Manduruva”, “Marandova”, “Maranduva” e o termo dado para as larvas no geral “Larva de borboleta”, “Larva de mandruvá”; também não apropriados para as espécies ou ordem como “Bicho da seda” como dito anteriormente se refere a uma espécie específica, “Bigato” utilizado para larvas no geral e regionalmente no Paraná é utilizado para denominar bichinhos brancos que dá

na goiaba, coco (FAGUNDES, 2015), “Bicho cachorro”, “Bicho de camadas” utilizado para aquelas com comportamento de agrupamento provavelmente assim como “Bicho de ruma” e “Bicho montoeiro” como já explicado anteriormente além de ser mais utilizado para um gênero da ordem Hymenoptera, “Birba” segundo Fagundes (2015, p. 22) é “lagarta que aparece em folhas de couve, soja, mandioca” no Parana, não há outros registros literários, provavelmente esse termo pode ser utilizado de forma geral para larvas, “Cachorrinho”, “Matacao do bem” não há registros na literatura, nem o significado ou origem do termo, “Pacapim” possivelmente pode se referir a alimentação das lagartas, “Lesma” moluscos gastrópodes terrestre (IHERING, 1940), “Sussurana bode” e o termo “Beija-flor” que foi utilizado para nomear a espécie *Aellopos fadus*, que se assemelha morfologicamente com um beija flor assim podendo ser confundido.

Os relatos de usuários que utilizaram os termos: “Bicho de seda” – *“Bom dia quando eu era criança a minha vó falava que isso chamava bicho da Seda e ela pegava isso para fazer remédio para dor de ouvido e realmente curava a dor de ouvido”*, “Lagarta de ruh” – *“Onde eu morava te um dia que fiz ruh perto delas e elas ficaram tudo ouriçada... barulho “ruh” som emitido pela boca”*, “Lagarta de ruma” – *“sim elas mudam rapidinho e quando elas saem elas andam do mesmo jeito que estão aí na árvore juntas por isso chama lagarta de ruma uma significa montante uma em cima da outra elas ficam protegendo as rainhas”*, “Taturana de fogo” – *“porque onde passa na pessoa queima muito da ate febre”*. Podemos ver aqui como as interações e experiências pessoais, podem influenciar nos nomes populares também, e nos conhecimentos como a utilização dos insetos na medicina caseira.

A ordem Hymenoptera teve 9 publicações com 919 comentarios no total, com espécies de três famílias: Apidae (68,18%) com *Eulaena nigrata* e *Xylocopa violacea*; Pergidae (34,70%) com o gênero *Perreyia* sp. e Vespidae (3,12%) com *Polistes carnifex* e *Polistes* sp. (Figura 15).

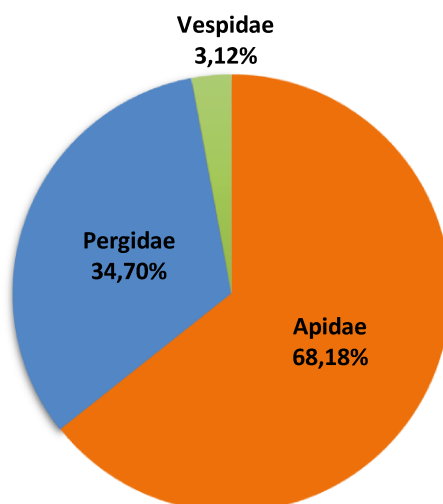


Figura 15: Porcentagem de comentários com os nomes populares por família da ordem Hymenoptera.

Em Vespidae o termo mais utilizado foi “Marimbondo” (59,09%) que abrange as vespas sociais, e por vezes outros himenópteros maiores com ferrão, como algumas abelhas, apesar de não ser o nome mais adequado para elas, tem origem do quimbundo (língua africana) e significa vespa (IHERING, 1940, MENDONÇA, 2012), depois os termos “Caba” (4,55%) palavra indígena que também é utilizado para as vespas sociais e para alguns as vespas no geral (IHERING, 1940), “Filhote de marimbondo vespa” (4,55%) provavelmente o “filhote” é pela foto o usuário pode ter achado que o inseto era menor e “marimbondo vespa” deve ser porque muitas pessoas utilizam ambos os nomes para todos os vespídeos e o termo “Vespa” (22,73%) denominação genérica utilizada para a família Vespidae (IHERING, 1940) (Figura 16). E “Abelha” (9,09%) é um termo não tão apropriado pois abrange outros insetos da mesma ordem que será discutido a seguir.



Figura 16: Mapa com a distribuição por região dos principais nomes populares da família Vespidae da ordem Hymenoptera.

Para Apidae, os termos mais utilizados foram “Abelha” (10,45%) que abrange geralmente os insetos da ordem Hymenoptera da família Apidae (IHERING, 1940), utilizado principalmente na região sudeste. Nas demais regiões também foi utilizado “Mamangava/ba” no nordeste, norte, sul e centro-oeste; (39,55%), esse termo de origem tupí (língua indígena), é usado especialmente nas abelhas grandes (IHERING, 1940), “Mangangá/ga/gar” (6,36%) foram variações mais utilizadas no Norte (IHERING, 1940), nos dados coletados foi bastante utilizada no sudeste e nordeste, e apareceu na região norte também, “Mangava/ba” (11,59%) outra variação, foi mais utilizada nas regiões sudeste e sul, e teve uso na região centro-oeste (Figura 17). Os termos seguintes (5,23%) também são variações de “Mamangava/ba” como as duas anteriores, “Magangava”, “Magava”, “Mamagava”, “Mamanga”, “Mamanguá”, “Mamangava de luto”, “Mamangava-preta”, “Manmagava”, “Manmangava”, “Mangagá” apareceu somente no nordeste, “Mangagava”, “Mangangaga”, “Mangangava”, “Mangavas-de-chão”, “Manger”, “Mungango”. Esses termos foram pouco utilizados e por isto não foi possível analisar cada um separadamente, porém alguns tiveram comentários provenientes de apenas uma das regiões como colocado anteriormente, e de modo geral em todas as regiões apareceram nessas variações.



Figura 17: Mapa com a distribuição por região dos principais nomes populares da família Apidae da ordem Hymenoptera.

O termo “Abelha” também teve variações (7,05%), sendo que a menos utilizadas foi “Abelha cachorro/a”, comentada apenas pela região sudeste, que são utilizados para abelhas com mel ruim (IHERING, 1940), outra razão pode ser pela morfologia pois elas são grandes e algumas possuem pelos, “Abelha carpinteira tropical” termo utilizado para abelhas que fazem buracos em árvores ou na madeira para fazerem seus ninhos, “Abelha da cera”, “Abelha mamangava”, “Abelha manganga”, “Abelha mangava”, “Abelha preta” provavelmente fazendo referência a cor de algumas dessas abelhas, “Abelha sem ferrão”, “Abelha solitária sem ferrão”, “Abelha “mangá”, de modo geral esses termos apareceram em todas as regiões. Foi utilizado o termo “Vumvum” (0,23%), utilizado na região sudeste, que provavelmente é uma alusão ao barulho que esses insetos fazem ao voarem e também o termo “Samborá” (0,23%), utilizado na região nordeste, que é a mistura do pólen com mel armazenando em potes especiais antes da rainha colocar as larvas (IHERING, 1940).

Em “Outros” (19,32%) foram agrupados os termos os menos apropriados “Abelha arapuá” e “Arapuá” vem do guarani Irapuã onde Ira é abelha ou ninho de abelha e puan é redondo, esférico esse termo é utilizado para a espécie do gênero *Trigona* (IHERING, 1940), “Abelha jataí” termo utilizado para algumas espécies da família Meliponideos, “Abelha rainha” “rainha” é a única fêmea fértil responsável pela postura de ovos, provavelmente esse termo foi utilizado pelo tamanho das abelhas.

Ainda nos termos agrupados em “Outros” temos “Besouro” que é a denominação vulgar correspondente a ordem Coleoptera (IHERING, 1940), “Besouro

mangangá”, “Besouro muganga”, “Bizoro mangangar” e “Brsouro mamangar”, “Bisouro do cão”, provavelmente o termo “Besouro” é utilizado pois essas abelhas são grandes se assemelhando ao tamanho de alguns coleópteros, esses termos foram utilizados principalmente nas regiões sudeste e nordeste, e apareceu no norte e sul, “Cascudo” é um termo geralmente utilizado para algumas espécies de peixe, provavelmente foi utilizado por ser uma abelha robusta e algumas possuem cores escuras, “Cavalo do cão”, neste caso “cão” se refere ao diabo (IHERING, 1940), provavelmente é utilizado por essas abelhas serem grandes, “Cigarra” termo utilizado para algumas espécies de hemipteros, “Marimbondo” que abrange as vespas sociais, e por vezes outros himenópteros maiores com ferrão como algumas abelhas, “Mosca” termo genérico utilizado para os insetos da ordem Diptera (IHERING, 1940), “Mosca-escorpião”, insetos da ordem Mecoptera que são chamados por esse termo, porém não foi encontrado nenhuma ligação, “Rola bosta” termo utilizado para algumas espécies de besouros, “Vespa” denominação genérica utilizada para a família Vespidae (IHERING, 1940), “Zangão”, utilizada principalmente no sul, e apareceu no sudeste e centro-oeste, denominação utilizada para os machos das espécies, porém neste caso é utilizado para fêmeas e machos provavelmente por serem abelhas robustas (IHERING, 1940).

E o termo “Xiengue”, utilizado na região sudeste, não há registros literários com esse termo nem foi encontrado o significado dela, provavelmente é uma palavra de origem indígena ou africana. Os termos que tiveram comentarios provenientes principalmente de uma ou duas das regiões foi colocado anteriormente, já os demais foram pouco utilizados assim não foram analisados separadamente, sendo assim de modo geral esses termos foram utilizados por todas as regiões, mais com algumas exceções.

Em Pergidae os nomes utilizados foram “Bicho de Chuva” (8,57%), esse termo é utilizado pois as larvas costumam rastejar pela vegetação de manhã principalmente em dias nublados e chuvosos (NETO, 2004), com a variação “Bicho da enchente”, neste mesmo sentido temos os termos “Bicho da geada” (0,41%), “Bixo de agosto” (0,41%), “Bixinho de São João” (0,41%) e “Quaresma” (0,41%) sendo geralmente épocas de frio, esses termos foram utilizados apenas na região sul (Figura 18).

O termo “Bicho de monte” (5,31%) relacionado ao comportamento desses insetos de andarem agregados em grupos avançando como uma unidade única assim

formando um “monte” (NETO, 2004), com as variações “Bicho preto de monte”, “Montoeira” e “Montenegro”, os termos com esse mesmo sentido são “Bicho de bolo” (0,41%), “Bicho de camada” (0,41%) pois ficam amontoados uns sobre os outros dando a ideia de terem camadas, “Bicho junto” (0,41%), “Bicho de ruma” (6,94%), a palavra “ruma” significa um amontoado de coisas acumulados e sobrepostas, teve duas variações “rumo” e “roma” que podem ter sido também um erro de digitação e “Murundu” (0,41%) que é uma elevação de terra, geralmente arredondada, esses termos foram utilizados em todas as regiões porém no sudeste e nordeste principalmente (Figura 18).

O termo “Bicho preto” (3,67%) que provavelmente se referindo a cor, utilizado somente no sul; “Carestia” (13,88%) significa escassez de algo, provavelmente se referindo aos danos que eles podem causar na agropecuária, com as variações “Bichos carestia” e “Cerestia”, juntamente com “Miséria” (0,41%) com o mesmo significado, essas variações foram usadas principalmente pelo sul; “Cabeça de prego” (0,41%) provavelmente faz referência a cabeça desse inseto que aparenta ser dura; “Frieira” (3,67%) seria o efeito sentido, ao ter contato com esses insetos (NETO, 2004) com duas variações “Frieira braba” e “Frieira preta”, o termo “Bolo de frieira” tem o mesmo sentido além de juntar seu comportamento de agrupamento com o que ele causaria, foram utilizadas no sudeste e nordeste; “Larvas” (2,45%) fase que alguns insetos passam após nascer (Figura 18).

E o termo “Mata porco” (4,49%) termo que surgiu a partir da observação de que são tóxicas para animais de criação como os porcos e bovinos, teve quatro variações “Larva mata porco”, “Bicho de chiqueiro”, “Bichas de porco” e “Chiqueiro de porcos”, termos utilizados no sudeste, sul, e nordeste; e “Mijacão” (2,04%) é uma espécie de tumor ou abscesso que dá nos pés ao andar descalço que é atribuído a urina de cavalo, não há nenhum registro de ligação; Sete couros (1,63%) segundo um dos entrevistados da pesquisa de Neto (2004, p. 63) uma explicação para esse termo é que após o contado “*Enquanto a pessoa não soltar o couro dos pés e das mãos não fica boa*” (Figura 18).

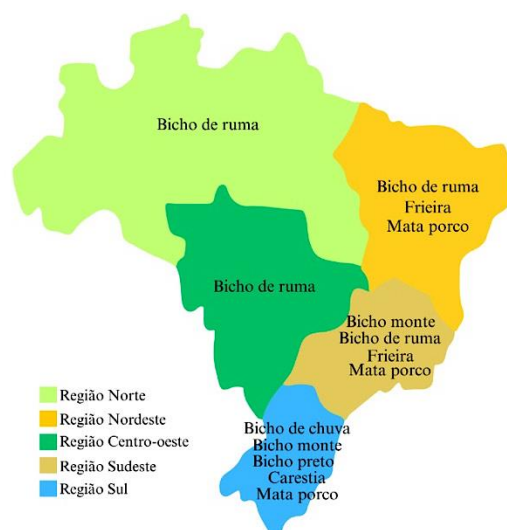


Figura 18: Mapa com a distribuição por região dos principais nomes populares da família Pergidae da ordem Hymenoptera.

Em “Outros” (40,41%) foi agrupado os menos apropriados como os termos que se referem a outros insetos “Garanguji”, “Gongo”. “Lacraia” e “Lacraia preta” provavelmente utilizado pela morfologia similar, “Lagartixa”, “Lesma” moluscos gastrópodes terrestre (IHERING, 1940), “Piolho de cobra”, utilizado principalmente na região sudeste, e outras formas de nomear esses diplópodes “Embuá” e suas variações “Inbuar” e “Anbua”, utilizados no norte e nordeste, “Rugas” provavelmente se referindo ao segmento do corpo desses insetos, “Sangue sugar” não há registro na literatura fazendo ligação entre esse termo e o inseto, “Setopeia” (Centopeia) provavelmente pela morfologia semelhante, “Tenébria”, “Vermes de privada” não há registro na literatura, pode ter sido utilizado por haver uma aversão ao inseto; e “Filhotes de taturana”, “Lagarta”, “Lagarta de coqueiro”, “Lagarta de fogo”, “Lagarta de laranjeira”, “Lagarta fedida”, “Lagartas nocivas”, “Larva de borboleta”, “Larva de taturama”, “Mandrova”, “Mandruvá de camada”, “Maranduva cachorro” e “Taturana” termos utilizados para larvas de lepidópteros principalmente. Os termos “Lagarta 7 couros/ Lagartas de sete couros”, “Lagarta de bolo”, “Lagarta de monte”, “Lagarta de ruma”, “Lagartas pretas”, se tornam menos apropriados pelo uso de “Lagarta”.

Os termos que tiveram comentários provenientes principalmente de uma ou duas regiões foi colocado anteriormente, já os demais foram pouco utilizados e por isto não foram analisados separadamente, sendo assim de modo geral esses termos foram utilizados por todas as regiões, com algumas exceções.

Coleoptera teve 10 publicações com 145 comentários no total com 10 espécies

diferentes *Diloboderus abderus*, *Dorcacerus barbatus*, *Epicauta atomaria*, *Lema daturaphila*, *Liogenys* sp., *Naupactus ambiguus*, *Omophoita argus*, *Omophoita personata*, *Paromoeocerus* sp., *Pheropsophus aequinoctialis* (Figura 19).

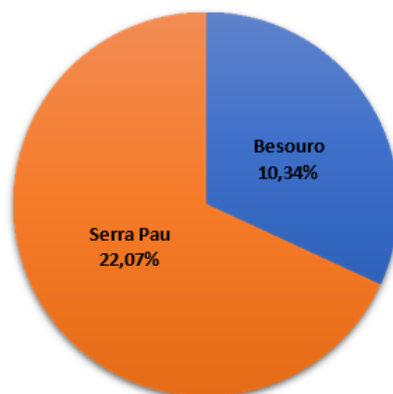


Figura 19: Porcentagem de comentários de nomes populares usados na ordem Coleoptera.

Os termos mais utilizados foram “Besouro” (10,34%), utilizados em todas as regiões, e o grupo “Serra Pau” (22,07%), que agrupou termos que se referem a uma mesma característica comportamental específica de algumas espécies de coleópteros, “Bezouro “corta pau”, “Besouro cortador de madeira”, “Besouro serra pau”, “Bicho carpinteiro”, “Corta madeira”, “Serra Pau”, utilizado principalmente na região sudeste e nordeste, sendo o que mais apareceu, “Serra Serra”, “Serradores”, “Traçador” todos esses termos foram utilizados para duas espécies *Paromoeocerus* sp. e *Dorcacerus barbatus* da família Cerambycidae, esses termos refere-se ao comportamento de cortar galhos das árvores ou abrir buracos nos galhos para fazer a oviposição, as larvas quando nascem vão se alimentar da seiva presente no galho (IHERING, 1940, SFORCIN, 2019), segundo um dos entrevistados da pesquisa de Neto (2006, p. 75) deu uma explicação para o termo serrador é “*Porque ele serra as árvores. Ele serra os galhos de árvore mais fino que fica do mesmo jeito como se fosse um serrote, bem serradinho*” (Figura 20).

Algumas espécies possuem nomes que são mais específicos sendo as seguintes espécies *Dorcacerus barbatus* com o termo “Bicho batata cheiroso catigudo” (0,69%), não há nenhum registro na literatura que ligue esta espécie com batatas então provavelmente pode ser uma alusão ao tamanho desse inseto e por ele ter um formato mais arredondado e quanto a questão de “cheiroso catigudo” também não há relatos, mas outras espécies da mesma família podem soltar um cheiro como modo de defesa,

“Cafofo” (0,69%) no português pode significar moradia, e também esconderijo, provavelmente está ligado ao habito de postura de ovos dentro de galhos, “Coleobroca” (0,69%) é utilizado quando besouros possuem o habito de perfurar galhos e madeira (IHERING, 1940), “Comedor de banana besourinho” (0,69%) não há nenhum registro na literatura dessa espécie ligado diretamente com bananas, mas há um estudo que utilizou dois tipos de frutas sendo uma delas banana fermentadas com caldo de cana como armadilha e essa espécie apareceu (EVANGELISTA, 2021), e no site Insetologia há um relato de encontra-los sobre bananas. A espécie *Paromoeocerus* sp. com o termo “Besouro cerambicídeo” (0,69%) nesse caso se referindo a família a que essa espécie pertence, a espécie *Pheropsophus aequinoctialis* com o termo “Besouro bombardeiro” (1,38%), “Budante” (0,69%), “Bufão” (0,69%), “Peida fumaça” (0,69%), “Peidão” (0,69%), “Zé fumaça” (0,69%) (Figura 20), esses termos se referem ao comportamento de defesa desse besouro que pela extremidade anal joga jatos de fluido de ação cáustica e ao ter contato com o ar “explote” e solta fumaça (COSTA, 1955).



Figura 14: Mapa com a distribuição por região dos alguns dos nomes populares da ordem Coleoptera em preto, e de vermelho da espécie *Pheropsophus aequinoctialis*.

Em “Outros” (59,31%) foram agrupados os termos menos utilizados como “Bicho do mato” e “Bixo da natureza” são termos bem generalistas que podem ser utilizados para qualquer animal, “Carneirinho” é um termo utilizado para espécies da família Curculionidae, apesar de uma espécie dessa família ter aparecido, o termo foi

utilizado para *Pheropsophus aequinoctialis*, “Coro” e “Larva de rola bosta” são termos utilizados para larvas de coleópteros, e “rola bosta” de refere a uma espécie específica de besouro, “Viola” e “Toca Viola” termos que fazem referência ao som agudo que esses insetos emitam ao esfregarem o pronoto com o mesonoto, quando são prendidos e incomodados (IHERING, 1940, COSTA, 1955) e “Vaquinha” se refere as espécies que comem folhas (IHERING, 1940). Os termos utilizados para outras espécies da ordem Coleoptera como “Besouro joaninha” e “Joaninha” termos utilizados para espécies da família Coccinellidae, pois elas possuem padrões de cores bem característicos sendo está a provável razão de terem nominado outras espécies com esses termos pela semelhança no padrão de cores, “Bicudo” termo utilizado para besouros que possuem um rostro proeminente e alongado como um bico, é geralmente cilíndrico ou cilindroide encurvado ou reto para baixo (GODÉ, 2015, COSTA, 1955), pertencem a família Curculionidae, segundo um dos entrevistados da pesquisa de Neto (2006, p. 75) a explicação para o termo é “*O bicudo é porque ele tem um bico comprido. Aí a gente trata de bicudo*”, “Poto” termo utilizado para insetos da família Staphylinidae principalmente para o gênero *Paederus* (IHERING, 1940), “Vagalume” e “Pirilampo” termo vulgar que se refere aos besouros que são bioluminescentes (IHERING, 1940).

E os termos não tão apropriados para esses insetos como aqueles que são utilizados para espécies de outras ordens sendo Hemiptera com “Barbeiro” termo utilizado para espécies que causam a doença de chagas, o termo provavelmente foi utilizado pois morfologicamente alguns coleópteros se parecem ou se assemelham com hemipteros, “Cigarra” termo utilizado para espécies da subordem (Auchenorrhyncha), “Percevejo” termo vulgar utilizado para a maioria dos hemípteros e “Pulgão” termo utilizado para espécies de uma superfamília Aphidoidea; Hymenoptera com “Abelhas” termo vulgar para a família Apidae; Isopoda com “Tatuzinho” termo utilizado para espécies da ordem, são pequenos crustáceos terrestres que se enrolam como algumas espécies de Tatus (classe Mammalia, ordem Cingulata, família Dasypodidae), não foi encontrado nenhum registro literário sobre coleópteros possuam esse comportamento e Orthoptera com “Cachorro da Terra/Areia” denominações cearenses utilizadas para várias espécies da família Gryllotalpidae, assim como “Cachorro d’água” (IHERING, 1940) e provavelmente, “Cachorrinho do Mato”, além desses “Paquinha” também é utilizado para essas espécies e “Paca” provavelmente foi utilizado por “Paquinha” ser seu diminutivo

assim podem ter feito uma ligação, “Pata” provavelmente foi um erro de digitação.

E alguns termos que não foram encontrados o registro, significado ou a origem do termo utilizado, “Besouro sugo” uma possível ligação é que “sugo” viria de sugador, “Drone” não foi encontrado nenhuma ligação para ser feito a comparação, “Rosquinha” foi utilizada para larvas de besouro provavelmente pela morfologia, “Zicatório” não foi encontrado o significado da palavra, “Chuim” não foi encontrado o significado da palavra. Os termos que tiveram comentários provenientes principalmente de uma ou duas regiões foi colocado anteriormente, já os demais foram pouco utilizados assim não foram analisados separadamente, sendo assim de modo geral esses termos foram utilizados por todas as regiões, mais com algumas exceções.

A ordem Psocoptera teve apenas uma publicação com 10 comentários, eles não possuem nome popular no Brasil mais em outros países são chamados popularmente de piolhos dos livros, piolhos das cascas de árvores ou psocídeos (RAFAEL *et al.*, 2024). Por isso somente dois nomes dos dez comentários podem ser considerados mais apropriados para estes insetos sendo “Psocopteros” onde utiliza o nome da ordem para denominá-los e “Piolhos de pau ou Piolho-de-casca-de-Árvore” ambos comentários da região sudeste. Os outros nomes que apareceram e suas regiões foram “Tatuzinhos de jardim” no sul, “Cigarras” no sudeste (50%), sul (33,33%) e centro-oeste (16,67%) e “Cochonilha” no sul.

E, finalmente, a ordem Diptera com somente uma publicação com 6 comentários, os nomes populares que apareceram foram “Larva” nas regiões norte, sudeste e sul, “Tapuru” na região sudeste e “Bigato”, termo utilizado para larvas no geral, e que regionalmente no Paraná é utilizado para denominar bichinhos brancos que dá na goiaba, coco (FAGUNDES, 2015), e por último foi citado o termo “Larva de mosca soltado” sem mencionar a região.

CONCLUSÃO

Os comentários dos usuários dos grupos da RSV apresentaram uma grande diversidade de nomes populares mostrando a riqueza do saber popular e mostraram como o contexto regional, a percepção individual e a linguagem influenciam a visão que temos dos insetos. Muitos usuários nomearam os insetos com base na morfologia, comportamento e associação com outros animais, entretanto houveram algumas

identificações inadequadas.

As ordens com maior destaque foram Lepidoptera (48%), Hymenoptera (22,5%) e Hemiptera (13,9%), com comentários que evidenciaram um maior interesse neles, possivelmente devido à importância agrícola deste grupos. Os usuários das regiões sudeste e sul apresentaram maior engajamento nos comentários, causando uma concentração regional dos dados, que pode causar uma brecha na interpretação do regionalismo dos nomes populares utilizados.

Para Dermaptera, os nomes populares mais citados foram tesourinha e potó, enquanto os mantódeos foram reconhecidos como louva a deus na maioria das regiões do Brasil, com destaque para cavalo do cão na região nordeste. Para Orthoptera, os termos gafanhoto e grilo foram os mais relatados e a esperança é vista de forma positiva.

Os hemípteros, himenópteros, coleópteros e larvas de lepidópteros apresentaram a maior variação de nomes populares e também de associações inadequadas, com confusões taxonômicas, que podem impactar negativamente os insetos.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Alberto Eduardo Cox; HADDAD JUNIOR, Vidal. **Acidentes por lepidópteros (larvas e adultos de mariposas):** estudo dos aspectos epidemiológicos, clínicos e terapêuticos. *Anais Brasileiros de Dermatologia*, v. 80, p. 571-578, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abd/a/jvV6HJCv9r4xkGMWhvt7KTR/>

COSTA, Barbara Regina Lopes. **Bola de neve virtual:** o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. *Revista interdisciplinar de gestão social*, v. 7, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649/16131>

COSTA LIMA, Angêlo Moreira da. **Insetos do Brasil.** Tomos II a XI. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Agronomia, 1940–1960.

DE BARROS, Francisco Bernardo; DE AZEVEDO, Francisco Roberto; CÂNDIDO, Estelita Lima. **Insetos de importância médica.** In: SILVA, Clécio Danilo Dias da; BARBOSA, Milson dos Santos; MOTA, Danyelle de Andrade (Orgs.). *Entomologia: estudos sobre a biodiversidade, fisiologia, controle e importância médica dos insetos.* São Paulo: Atena Editora, 2022. p. 1–13. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/358714847_INSETOS_DE_IMPORTANCIA_MEDICA

DE CAMARGO, Amábilio José Alves; et al. **Coleções entomológicas:** legislação brasileira, coleta, curadoria e taxonomias para as principais ordens. 2015. Disponível

em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/122542/1/amabilio-01.pdf>

DE MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães; CASTRO, Paula Almeida de, orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, p. 49-83, 2011. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>

DESUÓ, Ivan Cesar et al. Insetos e suas relações com o homem. **Entomologia Forense: novas tendências e tecnologias nas ciências criminais**. Technical Books Editora, cap. v. 2, p. 87-121, 2010. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Guilherme-Gomes-16/publication/323878660_Insetos_e_suas_relacoes_com_o_homem/links/5ab0fe63aca2721710febcc4/Insetos-e-suas-relacoes-com-o-homem.pdf

FAGUNDES, Edson Domingos; LOREGIAN-PENKAL, Loremi; MENON, Odete Pereira da Silva (Orgs.). **O falar paranaense**. Curitiba: UTFPR Editora, 2015. 209 p. ISBN 978-85- 7014-131-6. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/1599>

FREITAS, André Victor Lucci et al. **Borboletas e mariposas (Lepidoptera) da Ilha do Cardoso, Estado de São Paulo, Brasil**. Hoehnea, v. 51, p. e112024, 2024. Disponível: <https://www.scielo.br/j/hoehnea/a/wyNxTVzrmPBdZNg4MxzPfbt/>

GABRILI, Joel José Megale. **Papel do sistema complemento no processo inflamatório causado pelo veneno da lagarta de Premolis semirufa**. 2023. 124 f. Tese (Doutorado em Imunologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/42/42133/tde-06092023-152250/publico/Joel_Gabrili_doutorado_original_parcial.pdf

GULLAN, Paul J.; CRANSTON, Peter S. **Os insetos: Um resumo de entomologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2017.

IHERING, Rodolpho von. **Dicionário dos animais do Brasil**. 1940.

KOZINETS, Robert. **Netnografia: Realizando Pesquisa Etnográfica Online**. Penso, Porto Alegre, p. 1-203, jan./2014

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. 195 p. ISBN 978-85-7631-399-1. Disponível em: https://funag.gov.br/loja/download/983-Influencia_Africana_no_Portugues_do_Brasil_A.pdf

MONTENEGRO, Marcelo; SIMONI, Joana. **Atlas dos insetos: fatos e dados sobre as espécies mais numerosas da Terra**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2021. Disponível: <https://br.boell.org/sites/default/files/2022-02/Atlas%20dos%20Insetos%20completa%20final.pdf>

MOURA, Marcos Ribeiro de; COSTA, Helder Caetano; SÃO-PEDRO, Virgínia Almeida; FERNANDES, Valdir Damasceno; FEIO, Rodrigo Neves **O relacionamento entre pessoas e serpentes no leste de Minas Gerais**, sudeste do Brasil. Biota Neotropica, v. 10, n. 4, p. 133–141, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/bn/a/VsC7NYVvKNSWkhqvVn8dVsN/?format=pdf&lang=pt>

NETO, Eraldo Medeiros Costa. **Os insetos que ofendem: artropodoses na visão dos moradores da região da Serra da Jibóia, Bahia, Brasil**. Sitientibus: Série Ciências Biológicas, v. 4, n. 1/2, p. 59–68, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Luciano-Bianchetti/publication/285676923_The_genus_Habenaria_Orchidaceae_in_the_Itacolomi_State_Park_Minas_Gerais_Brazil/links/577cf0b808aec3b74337ea10/The-genus-Habenaria-Orchidaceae-in-the-Itacolomi-State-Park-Minas-Gerais-Brazil.pdf#page=59

NETO, Eraldo Medeiros Costa; PACHECO, Josué Marques. **A construção do domínio etnozoológico “inseto” pelos moradores do povoado de Pedra Branca, Santa Terezinha, Estado da Bahia**. Biotemas, v. 17, n. 1, p. 109–122, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/247915645_A_construcao_do_dominio_etnozoologico_inseto_pelos_moradores_do_povoado_de_Pedra_Branca_Santa_Terezinha_Estado_da_Bahia_-_DOI_104025actascibiolsniv26i11662

NETO, Eraldo Medeiros Costa; RODRIGUES, Rosalina Maria de Fátima Ribeiro. **Os besouros (Insecta: Coleoptera) na concepção dos moradores de Pedra Branca, Santa Terezinha, Estado da Bahia**. Acta Scientiarum. Biological Sciences, v. 28, n. 1, p. 71-80, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1871/187115870012.pdf>

PAPAVERO, Nelson. **Fundamentos práticos de taxonomia zoológica**. São Paulo: Editora Unesp, 1994. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=fundamentos+práticos+de+taxonomia+zoológica&oq=fundamentos+práticos+

RAFAEL, José Albertino; MELO, Gabriel Augusto Rodrigues de; CARVALHO, Claudio José Barros de; CASARI, Sônia Aparecida; CONSTANTINO, Reginaldo (Orgs.). **Insetos do Brasil: diversidade e taxonomia**. Ribeirão Preto: Holos Editora, 2012. 796 p. ISBN 978-85- 86699-72-6.

SCHULTZ, Benilde Socreppa. **A taxonomia científica versus nome popular em Sobre algumas novas espécies de répteis e plantas brasileiras: memória de Giuseppe Raddi**. Revista GTLex, p. 184. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/31775/17887>

SANTOS, Larissa Nascimento dos; KERPEL, Solange Maria; MEDEIROS, Adalberto Dantas de; BRITO, Marcos Roberto Monteiro de. **Borboletas no Nordeste: as borboletas em áreas protegidas de florestas nordestinas**. Campina Grande: EDUFPG, 2023. 144 p. ISBN 978-65-87285-10-4. Disponível em: <https://livros.editora.ufcg.edu.br/index.php/edufcg/catalog/book/296>

SANTOS, Paulo Henrique Pozzi dos et al. **Checklist dos louva-a-deus (Insecta-Mantodea) do Estado da Paraíba**. 2017. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2588/1/PHPS16102017.pdf>

SOCIEDADE ENTOMOLÓGICA DO BRASIL. **Informativo da Sociedade**

Entomológica do Brasil. v. 26, n. 2, ago. 2021. Disponível em:
<https://www.seb.org.br/admin/files/isebanais/2001.iseb2.pdf>

TRIPLEHORN, Charles A.; JOHNSON, Normam F. Estudo dos insetos. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2015. Cap. 1, p. 01-25.

AMARAL, Antonio Lucas Sforcin; CASTILHO, Antonio Leão; RODRIGUES, Jefferson Luan Crispim; SÁ, Ana Luiza Borges de; HADDAD JUNIOR, Vidal. Registro de ocorrência do besouro-escorpião *Onychocerus albitarsis* Pascoe (Coleoptera: Cerambycidae) no estado de São Paulo, Brasil. EntomoBrasilis, v. 12, n. 1, p. 27–30, abr. 2019. Disponível em:
<https://www.entomobrasilis.org/index.php/ebras/article/view/ebrasilis.v12i1.822/507>

As normas do Trabalho de Conclusão de Curso seguem a da revista Ethnoscience (<https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscience/about/submissions>)